MAÍNA E *CAPITOA*: LABIRINTOS DO UNIVERSO FEMININO NOS CONTOS DE JOSEFINA PLÁ E HÉLIO SEREJO

Suely Aparecida de Souza Mendonça
Pós-graduação UNESP/ASSIS

RESUMO: O artigo apresenta uma leitura comparativa da diversidade de situações vividas pela mulher paraguaia no conto "Maína", de Josefina Plá, e da mulher brasileira na narrativa "Capitoa", de Hélio Serejo. Busca-se ressaltar o papel da mulher na sociedade e na formação da identidade local e regional, pois na saga das personagens Maristela, de "Maína", e Maria Aparecida Belmonte, de "Capitoa", ilustrada pela imagem do labirinto, são considerados os espaços geográficos de Assunção e Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. A mulher brasileira representada por Maria Aparecida Belmonte é a oposição da mulher idealizada no início do século XX, assim como a personagem Maristela configura o inverso do universo feminino paraguaio desta mesma época.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; literatura sul-mato-grossense; literatura paraguaia; Josefina Plá; Hélio Serejo

ABSTRACT: The aim of this article is to present a comparative reading of the diversity of situations lived for the represented paraguayan woman in the "Maína" story, of Josefina Plá, and the brazilian woman in the narrative "Capitoa", of Hélio Serejo. In other words, it is longed for to stand out the paper of the woman in the society and the formation of the local and regional identity, therefore in the Saga of the Maristela personages, of "Maína", and Maria Aparecida Belmonte, of "Capitoa", illustrated for the image of the labyrinth, the geographic spaces of Assunção and Mato Grosso are considered. The Brazilian woman represented by Apareacida Maria Belmonte is the opposition of the idealized woman at the beginning of century XX, as well as the Maristela, personage configures inverse of the paraguayan feminine universe of this the same time. She also matters to add that, to if establishing possible relations between both the narratives, searched in this work to recognize the implications that comparation of both the stories can bring for paraguayan literature and sul-mato-grossense literature.

KEYWORDS: woman; sul-mato-grossense literature; paraguayan literature; Josefina Plá; Hélio Serejo

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa que estuda o universo feminino na literatura paraguaia, de modo especial na narrativa contista da escritora Josefina Plá. Um dos objetivos desse projeto é cotejar os diversos caminhos e descaminhos da mulher paraguaia assinalada como protagonista em dez contos de Plá, considerando

também os aspectos sócio-geográficos da narrativa, reconhecendo e cruzando as fronteiras discursivas e estéticas do fenômeno literário paraguaio.

Em relação aos fenômenos literários intrínsecos no conto de Plá, proponho aqui um estudo comparativo, sistemático e peculiar para resgatar as vozes de grupos sociais que, na maioria das vezes, não têm voz frente às vozes hegemônicas: as mulheres. Por outro lado, pressupondo que as identidades nacionais possam ser formadas e transformadas no interior da representação literária e que a raça seja apenas uma categoria discursiva, balizaremos, simultaneamente, o universo da mulher brasileira na literatura sul-mato-grossense, pois um dos países que mais influenciou na formação da identidade cultural de Mato Grosso de Sul foi o Paraguai, seja pelo consumo da erva-mate, em forma de tereré e mate, seja música, polcas paraguaias, guarânias e chamamés, ou pela gastronomia com a chipas, a sopa paraguaia, dentre outras influências culturais. Assim, o objetivo desta comunicação é analisar e comparar a diversidade de situações da mulher paraguaia representada no conto "Maína", de Josefina Plá, e da mulher brasileira na narrativa "Capitoa", de Hélio Serejo.

As sagas das personagens Maristela, de "Maína", e Maria Aparecida Belmonte, de "Capitoa", serão ilustradas pela imagem do labirinto, considerando os espaços geográficos apresentados nas narrativas: Assunção e Mato Grosso. Importa também acrescentar que, ao se estabelecer possíveis relações entre ambas as narrativas, busca-se nessa comunicação reconhecer as implicações que o cotejo de ambos os contos podem trazer para as literaturas paraguaia e sul-mato-grossense.

JOSEFINA PLÁ E HÉLIO SEREJO: VOZES E FRONTEIRAS

Josefina Plá nasceu na Espanha, em Isla de Lobos, Canárias, em 1909 e morreu em Assunção em 1999. Plá foi jornalista na imprensa escrita e radiofônica de Assunção e organizou algumas exposições de arte, até mesmo durante a Guerra do Chaco (1932-1935), em Assunção e Buenos Aires. Poemas, peças teatrais e contos formam o universo literário de Plá. Multifacetada por natureza, além de belos poemas, Plá se destacou na crítica, no teatro e na prosa paraguaia. Escreveu vários livros de contos: *La mano en la tierra* (1963), *Es espejo y el canasto* (1981), *La pierna de Severina* (1983) e *La muralla robada* (1989), além de contos publicados na revista *Juventud*, em 1926, na revista *Alcor*, em 1960, e contos infantis.

Dos contos de Plá pode-se dizer que sua maioria prima pelo caráter regional, realista e crítico, o que torna o discurso da artista hispano-paraguaia um fenômeno literário mediador de culturas e literaturas, revelando fronteiras visíveis e invisíveis entre as culturas assimiladas pela artista.

> Quando Josefina Plá chega ao Paraguai, traz consigo uma sólida cultura literária e uma experiência vital definida por sua inclinação primeira, a de sua pátria de origem. No país de seu marido se encontra uma situação diferente em muitos aspectos, e aqui, neste meio, é onde extrai sua criação literária e artística. Parece-me pertinente assinalar que este

> trabalho vem dar-se num ponto de encontro de dois sistemas: a cultura hispânica peninsular e a cultura hispano-mestiça paraguaia [...]. (FERNANDEZ, 2000, p. 9).[1]

Sob esse prisma, a literatura paraguaia pode ser abordada num contexto de confrontos culturais, cujos sujeitos, aqui representados pelo universo feminino, configuram-se pela diversidade identitária, norteada por valores históricos, políticos, religiosos e sociais que merecem ser resgatados. De acordo com Peiró Barco e Rodríguez-Alcalá (1995, p. 325), "tinha que se esperar a chegada de Josefina Plá ao Paraguai, no final dos anos vinte, para encontrar uma narradora que fosse capaz de abordar o tema da marginalização da mulher na vida paraguaia"[2]. Do outro lado da fronteira, no contexto sul-mato-grossense, Josefina Plá é apontada como uma artista cuja

> história se escreve à margem, porque sua vida decorreu num tempo e lugar hostis, principalmente e sobretudo porque, apesar de ser a mais importante intelectual espanhola no Paraguai, ela era uma mulher escritora e paraguaia, com dificuldades para competir num mundo exclusivamente masculino [...]. (SANTOS, 2006, p. 58).

Assim, a mulher passa a ser representada como elemento importante no processo construtivo da identidade literária paraguaia, nação que transita pela conquista de um lugar no espaço cultural mundial, seja pela polarização de raças nativas e espanholas, sejam nos discursos representativos da sociedade paraguaia, marcada pelas conseqüências das devastadoras guerras fronteriças, duas guerras civis e um rol de tiranias militares. De acordo com Rodrigues-Alcalá e Carugati,

> Sem ser precisamente uma "feminista" resoluta, Josefina Plá sempre externou sua preocupação pela condição existencial das mulheres, especialmente das paraguaias, fartas de ingratidões, que nem sequer sonhos tiveram, e as fez protagonistas de suas ficções.[3]

Hélio Serejo nasceu em 1º de junho de 1812, no município de Nioaque, na Fazenda São João, mas passou a residir em Ponta Porã aos dois anos de idade. Considerado um profundo conhecedor da história e dos costumes da região de

[1] Cuando Josefina Plá llega ao Paraguay trae consigo una sólida cultura literaria y una experiencia vital definida por su entorno primario, la de su patria de origem. En el pais de su marido se encuentra uma situacion diferente em muchos aspectos, y aqui, em este médio, es donde arranca su tarea de creación literária y artística. Me parece pertinente senãlar que esta labor viene a darse em el punto de encuentro de dos sistemas: la cultura hispânica peninsular y la cultura hispano-mestiza paraguaya [...]

[2] Hay que esperar a la llegada de Josefina Pla al Paraguay, a finales de los años veinte, para encontrar una narradora que sea capaz de abordar el tema de la marginación de determinados tipos de mujer en la vida paraguaya.

[3] "Sin ser precisamente uma 'feminista' a ultranza, Josefina Plá siempre exteriorizo su preocupación por la condición existencial de lãs mujeres, especialmente de lãs paraguayas, 'saciadas de ingratitudes', que ni siquiera suenos tuvieron, y lãs hizo protagonistas de sus ficciones."

fronteira, Ponta Porã-Paraguai, Serejo relata em forma de narrativas suas experiências na fronteira, documentando e transformando em ficção a paisagem geográfica e humana da fronteira e de Mato Grosso do Sul. Considerados como verdadeiras obras-de-arte literárias, os contos deste sul-mato-grossense "mostram a literatura como modulações de um mesmo espaço filosófico [...] paralelamente apresentam outras faces, dessemelhantes entre si, históricas, mas sem cortar o cordão umbilical que as prende à ficção" (PIRES, *apud* SEREJO, 1998, p. 20).

A temática da mulher, em Serejo, não se limita apenas na representação da figura feminina brasileira, mas também da paraguaia, idealizadas pelo escritor nos contos *Nhá Chamé* e *Capitoa*. Tanto a mulher paraguaia quanto a mulher brasileira, representadas no conto de Serejo, fazem parte de um contexto no qual o machismo e o preconceito contra a mulher estão latentes.

UNIVERSO FEMININO NOS ESTUDOS CULTURAIS E LITERÁRIOS

O universo feminino é abordado pelo viés dos Estudos Culturais com a possibilidade de questionar não apenas a noção de gênero, mas mulheres fazem partes da mesma identidade. Sobre esse aspecto, Culler (1999, p. 51) afirma que "por um lado, a razão para estudar a cultura popular é entrar em contato com o que é importante para as vidas das pessoas comuns- sua cultura- por outro lado há um forte ímpeto de mostrar como as pessoas são conformadas ou manipuladas por forças culturais."

Por esta perspectiva, podemos abordar o termo "identidade" como um processo flexível, mutável, principalmente pela corrida desenfreada da informação com a Internet, a televisão, o celular, e outros meios de comunicação, hoje em larga escala disponíveis. Flexível porque, de acordo com Stuart Hall (2004, p. 13), "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia"; mutável porque "o sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

No entanto, muitas mulheres, no decorrer do tempo, tornaram-se protagonistas de suas próprias histórias e da história da formação da identidade nacional dos seus países de origem. Por mais que fossem tratadas como seres inferiores em algumas sociedades, muitas mulheres se destacaram e deixaram seus nomes marcados nas páginas da história do mundo, ou serviram de inspiração para grandes pintores, nas mais belas canções, ou imortalizaram-se nas obras dos grandes escritores de textos literários: Cleópatra, Joana Darc, Inês de Castro, Anita Garibaldi, Evita Perón, Mona Lisa, Garota de Ipanema, Iracema, Capitu, dentre outras.

"MAÍNA" E "CAPITOA": LABIRINTOS DO UNIVERSO FEMININO

"Maína", que em português significa "madrinha", é um conto de Josefina Plá escrito entre 1948 e 1950, publicado no livro *El espejo y el Canasto*, em 1981 e reeditado na coletânea *Cuentos Completos*, organizada por Miguel Ángel Fernández. Neste conto, a mulher tem características paradoxais, que perpassam por toda a narrativa, avivando

sua trajetória labiríntica: rebelde e resignada, sonhadora e racional, frívola e tímida, independente e carente, forte e frágil.

No conto "Maína", para as mulheres paraguaias, principalmente aquelas das classes menos favorecidas, ou até mesmo para as que pertenciam às classes dominantes e foram despojadas de seus bens, restavam poucas alternativas de sobrevivência. Ou procurar retomar a vida em meio aos escombros e trabalhar em atividades múltiplas, como o comércio, a produção agrícola ou subsistência, ou, então, partir e se casar com militares estrangeiros, com quem conviveram, ora tendo-os como carrascos, ora como companheiros. Partir e retomar a vida em outro país e/ou região como o Brasil e Mato Grosso.

Narrado em terceira pessoa, o núcleo do conto situa-se em Assunção, capital do Paraguai, na época da Guerra do Chaco, e tem como protagonista a personagem Maristela, nascida em Encarnación, interior do Paraguai, uma mulher desprovida de belezas naturais e com um aspecto mórbido. Na infância agia com um menino, pois gostava de brincadeiras de subir em árvores e atirar tudo o que vinha pela frente quando se irritava com alguém. A protagonista de "Maína" é possuidora de um sorriso ambíguo, composto por uma forte leviandade e uma relevante timidez, além de ser o seu único atrativo como mulher. Maltratada pela família, o filho que Maristela espera do primo Atílio nasce e morre. Cansada de sofrer, foge de Encarnación e vai tentar sobreviver em Assunção. Maristela acaba se prostituindo, até que, cansada desta vida, resolve mudar e se dedicar a um homem só. Mas é tarde. Aos trinta anos, o destino lhe reserva uma surpresa: uma fatalidade põe fim à ambígua figura de Maristela.

"Capitoa", escrito por Hélio Serejo em 1939, está inserido na coletânea de contos *Contos Crioulos,* publicado pela Editora da UFMS em 1998. De acordo com Moreti, no ensaio "A representação feminina em *4 contos* de Hélio Serejo", especialmente dedicado a análise da questão, "a mulher nesta narrativa tem uma multiplicidade de significações: pecado, mistério, diabrice e erotismo. Capitoa, essa mulher multifacetada, vive em um espaço deperturbação." (2008, p. 2). De caráter regionalista, "Capitoa" tem como protagonista a gaúcha Maria Aparecida Belmonte, casada com o capitão Belmonte que, em 1893, no Rio Grande do Sul, lutou na Revolução do famoso Gumercindo Saraiva. Após a morte de seu esposo, na guerra, Capitoa vem para o Mato Grosso e se instala na região de Nioaque, transitando pela região de Bela Vista e Campo Grande, espaços onde se desenrola a trama. Usando a farda do marido morto, uma inseparável espada e um revólver de cabo preto, Capitoa, ou Maria Aparecida, circula com seu bando pelos caminhos do interior de Mato Grosso, e com coragem trava lutas renhidas contra bandidos que atacavam a região. No entanto, apesar de geniosa e forte, autoritária e presunçosa, tinha seus dons femininos. Amava e era amada. Odiava e era odiada. De acordo com Pires (1998, p. 19), "sua vida amorosa é assumida como um romance que ultrapassa os laços da normalidade."

Em "Maína", através dos descaminhos tomados pela vida de Maristela, vamos encontrar, alguns anos antes da Guerra do Chaco, na entrada do labirinto em Encarnación, a família e as professoras da protagonista adolescente. Preconceituosa, prepotente e hipócrita, a família de Maristela só se preocupa com a opinião dos

outros. No caso de Capitoa, ou de Maria Aparecida, a entrada do labirinto, no fim do século XIX e começo do século XX, ocorre no Rio Grande do Sul, onde ela, como Anita Garibaldi, representa o papel de esposa dedicada e de cidadã, lutando na guerra, ao lado do esposo.

Continuando a saga de Maristela pelos labirintos da vida, um dos elementos que desencadeia todo seu infortúnio vem de Assunção e vai passar férias em sua casa: o primo Atílio, que a seduz e a engravida. A gravidez indicará a direção do labirinto que a conduzirá pelos des/caminhos do inferno e para o fim do túnel, na capital paraguaia, espaço central do conto. Do mesmo modo que Maristela reagiu à possibilidade do aborto, Maria Aparecida Belmonte, diante da morte do marido, "não vacilou. Tirou-lhe a farda, o revólver e a espada e continuou comandando a tropa." As largas portas do inferno de Maria Aparecida começam a abrir, mas a fortaleza da mulher guerreira é posta em cheque: "Reza ante o corpo em decomposição. Escolhe um lugar. Não podia conduzi-lo. Muitos eram os cadáveres estendidos no chão. Sepulta-o, então, num cômodo da coxilha." (SEREJO, 1998, p. 193).

Voltando ao labirinto de "Maína", a adolescente Maristela resolve fugir para Assunção e morar com Tia Severina, porém fica pouco tempo com ela. O marido da Tia, Antero, tenta seduzi-la e ela, confiante, conta à tia o que seu marido tentou fazer. A tia fica do lado do marido. O inferno de Maristela mais uma vez não terminou. Maria Aparecida Belmonte segue também para o centro de seu labirinto: Mato Grosso. Nessa região, nasce a Capitoa, como ficou conhecida por trajar a farda do falecido, uma bombacha grande, uma espada e um revólver 44 cabo preto, iniciou sua vida de bandoleira e promíscua, chegando a ter vários amantes ao mesmo tempo, como Antão, o possível décimo amante de Maria Aparecida. A arte manual da feia Capitoa é manejar armas, homens e até mulheres. Sobre esta característica, o narrador, em tom irônico, tece o seguinte comentário: "Era um gozo para todos quando ela, imponentemente metida em seu traje masculino, tirava uma donzela e saía valseando pela sala de chão batido." (Serejo, 1998, p. 193). Ela também foi considerada uma mulher-macho como Maristela, mas outros procedimentos indicavam também sua feminilidade, pois "à noite se vestia de negros e compridos cabelos, pintava os lábios e celebrava as delícias morais e carnais com o amante escolhido." (PIRES, 1998, p. 20).

Neste ponto do labirinto de Maristela, a guerra é uma das portas de seu inferno, pois ela conhece um tenente que se apaixonou por ela, mas uma revolução no Paraguai os separa e ele é exilado em Clorinda**.** Assunção estava sitiada e Maristela passava por necessidades. Um dia, Atílio tenta seduzir Maristela, apresentando a frívola mulher a outros homens com quem ela mantém relações constantes. Durante cinco anos, ela visita seis vezes as parteiras mal informadas, o que apressa seus passos para a saída do labirinto.

Capitoa passa pelo mesmo inferno de Maristela: a *traição*. Embora seja amante de Marcos, um inspetor de Quarteirão, que fora apaixonado por uma paraguaia de Bela Vista, Capitoa é apaixonada por um de seus amantes, o pernambucano Pedro Ozório de Brito. Quando ele viaja para Porto Murtinho, pede pouso em Margarida, propriedade da Empresa Mate Laranjeira. Numa viagem de carreta de bois, ele conhece e se apaixona por Anita, uma paraguaia moça e faceira e manca, vinda de Campaná-

rio, fugida do cruel marido. Capitoa descobre o romance e manda dar uma surra no amante. Os seus capangas vão mais longe: descarregam uma chumbeira no nordestino que morre decorrente dos ferimentos, embora Capitoa fosse uma enfermeira dedicada: "representava para ela o desfecho de um romance que foi, ao mesmo tempo, infidelidade, vingança, sangue, sofrimento, bravura, agonia, morte, piedade, ternura, arrependimento e perdão!" (SEREJO, 1998, p. 208).

Terminada a guerra, Maristela volta a morar com Nenê. Prostituindo-se, Maristela pega uma forte infecção. Conhece um velho que decide cuidar dela. Nessa altura do labirinto, a imagem da prostituta Maristela começa a se desvanecer. No entanto, pensando estar grávida, Maristela conta ao amante e ele não aceita a situação. Ela o abandona e vai morar com Dona Silvana, até que o bebê nasça. Pede à mulher que seja a madrinha da criança, pois sente que o fim se aproxima, assim como na maior parte dos contos de Borges, quando eles chegam neste ponto, a protagonista compreende sua história e reconhece que está condenada. Fraca e doente, aos nove meses ela procura o médico e é internada. Passados uns dias, Dona Silvana vai visitar Maristela e não a encontra, pois havia falecido. A criança que ela esperava era na realidade um tumor maligno no ovário. Enfim, ela encontra a saída de seu labirinto.

O desenlace de Capitoa difere do fim trágico da paraguaia Maristela no sentido de que a gaúcha Maria Aparecida não morre no final do conto, mas é ferida na cidade de Campo Grande pelo Destacamento da Milícia do Estado, apagando dessa forma os rastros da valente Capitoa no labirinto de Maria Aparecida. O que fica é somente uma mulher marcada pelo tempo, pelo reumatismo, pelo desânimo, pelas mortes que deixou nas veredas labirínticas, pelos amores que ficaram marcados na alma e no coração. Capitoa, simbolicamente, morre na narrativa, mas a personagem Maria Aparecida Belmonte apenas desaparece em outro labirinto, continuando o seu papel de mulher amante.

CONCLUSÃO

Enfim, por meio das duas representações literárias da mulher, podemos perceber que as diversas vozes sociais implícitas no universo feminino de "Maína" e "Capitoa" apresentam-se permeadas de discursos alicerçados sobre modos peculiares de conceber o mundo e a vida, ora a favor do poderio local, como o narrador de "Capitoa", a família de Maristela, e o delegado de Assunção; ora em oposição à sociedade dominante, como o narrador de Maína e a própria Capitoa.

A imagem do labirinto é recorrente nesta leitura, pois "o século XX vê labirinto até mesmo onde tal idéia se acha inteiramente ausente" (PEYRONE, *apud* BRUNEL, 1997. p. 555). É importante frisar que, ao percorrer os possíveis labirintos das protagonistas Maristela e Maria Aparecida, percebemos a forte relação com a visão labiríntica borgeana:

> na imaginação de Borges, o livro e muito semelhante ao labirinto, ainda que este último é uma obra premeditada e arbitrária. O único objetivo de um labirinto é chegar ao centro e o centro não significa nada, exceto a terminação

> do caminho e a compreensão de uma ordem ou esquema. Há uma analogia evidente com a existência humana a que a meta é a morte. Chegar à meta e alongar o caminho percorrido é morrer.[4] (FRANCO, 2002, p. 290).

Para finalizar o confronto entre os dois contos, podemos dizer que as duas narrativas configuram-se como produções culturais de relevante importância para os estudos literários e culturais da República do Paraguai e do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil-Paraguai e do lado brasileiro. Em prol da literatura paraguaia, a narrativa de Plá promove o que anteriormente chamamos de legitimação da identidade literária nacional paraguaia, pois na voz da mulher paraguaia, a escritora hispano-paraguaia retrata a realidade e a expressão do povo paraguaio, consubstanciada pelo viés crítico-social; para a literatura sul-mato-grossense confirmamos o hibridismo da identidade literária local, por meio de elementos culturais paraguaios e sul-mato-grossenses, presentificados na linguagem poética e inovadora do regionalista brasileiro Helio Serejo.

REFERÊNCIAS

BARCO, José Vicente Peiró; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Hugo. *Narradoras paraguayas*: antologias. Asunción: Libros Libres, 1999.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. São Paulo: José Olympio, 1997.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária*: uma introdução. São Paulo: Beca Publicações Culturais, 1999.

FERNANDEZ, Miguel Angel. Introducción. In: *Cuentos completos*. Assunção: El Lector, 2000.

FRANCO, Jean. *História de la literatura hispanoamericana*. 15. ed. rev. e ampl. Barcelona: Ariel, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MORETI, Ariane Morales. *A representação feminina em "4 contos" de Hélio Serejo*. Cultura do Brasil Central. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/n3/cultura_brasil/rep_feminina.html>. Acesso em: 20 mar. 2008.

PIRES, Enilda Mougenot. Prefácio. In: *Contos crioulos*. Campo Grande-MS: UFMS, 1998.

PLÁ, Josefina Plá. Maína. In: *Cuentos completos*. Assunção: El Lector, 2000.

RODRIGUEZ-ALCALÁ, Hugo; CARUGATI Dirma Pardo. *Historia de la literatura paraguaya*. Assunção: El Lector, 2000.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Viagem ao Paraguai: Josefina Plá e Lídia Bais. In: *O outdoor invisível*: crítica reunida. Campo Grande-MS: UFMS, 2006. p. 47-59.

SEREJO, Hélio. Capitoa. In: *Contos crioulos*. Campo Grande-MS: UFMS, 1998.

[4] "En la imaginacion de Borges el libro es muy semejante al laberinto, aunque este ultimo es uma obra aún más premeditada y arbitraria. El único objeto de um laberinto es llegar al centro y el centro no significa nada, excepto la terminancíon del recorrido y la comprensión de un orden o esquema. Hay una analogia obvia con la existência humana en la que la 'meta'es la muerte. Llegar a meta y estender el camino recorrido es morir."